

ANÁLISE DO PERFIL DE MORTALIDADE POR CÂNCER DO COLO DO ÚTERO NO NORDESTE BRASILEIRO

¹ Nathanael de Souza Maciel; ² Lívia Karoline Torres Brito; ³ José Gerefeson Alves; ⁴ Camila Chaves da Costa; ⁵ Ana Kelve de Castro Damasceno; ⁶ Leilane Barbosa de Sousa.

¹ Doutorando em Enfermagem pela Universidade Federal do Ceará – UFC; ² Mestranda em Enfermagem pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB; ³ Doutorando em Cuidados Clínicos Universidade Estadual do Ceará - UECE; ⁴ Docente da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB; ⁵ Docente da Universidade Federal do Ceará - UFC; ⁶ Docente da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB.

Área temática: Temas transversais

Modalidade: Comunicação Oral Presencial

E-mail dos autores: nathanael.souza.inf@gmail.com¹; livia3418@gmail.com²; gerefeson.alves@urca.br³; camilachaves@unilab.edu.br⁴; anakelve@ufc.br⁵; leilane@unilab.edu.br⁶

RESUMO

INTRODUÇÃO: Apesar de ser uma das formas mais preveníveis, o câncer de colo do útero continua a ser uma significativa causa de morbidade e mortalidade entre mulheres. A análise do perfil de mortalidade na região Nordeste do Brasil é essencial para entender as dinâmicas epidemiológicas e identificar as populações mais vulneráveis. **OBJETIVO:** Analisar o perfil de mortalidade por câncer do colo do útero no Nordeste Brasileiro no período de 2010 a 2019. **MÉTODO:** Estudo ecológico. Os dados foram coletados do departamento de tecnologia e informação do Sistema Único de Saúde, sendo selecionados os números de casos e óbitos por câncer de colo uterino, bem como população residente. Foram calculadas as taxas de incidência e mortalidade. Os dados foram importados para o software JoinPoint®. **RESULTADOS:** A análise dos óbitos revelou aumento do câncer de colo do útero entre todas as faixas etárias. A etnia parda apresentou aumento significativo ($p=0,001$). Houve aumento dos óbitos entre as mulheres com maior quantidade de anos de estudo ($p=0,003$). Solteiras ($p=0,001$) e divorciadas judicialmente ($p=0,025$) também tiveram mais registros de óbitos. **CONCLUSÃO:** A análise dos óbitos por câncer do colo do útero revelou aumento, especialmente entre mulheres pardas, solteiras, divorciadas judicialmente e com maior escolaridade.

Palavras-chave: Neoplasias do Colo do Útero, Epidemiologia, Vigilância em Saúde.

1 INTRODUÇÃO

O câncer do colo do útero (CCU) é uma neoplasia maligna que se desenvolve a partir de células anormais no revestimento do colo do útero. Apesar de ser uma das formas mais preveníveis

de câncer, devido a métodos eficazes de rastreamento e vacinação, continua a ser uma significativa causa de morbidade e mortalidade entre mulheres, especialmente em países em desenvolvimento (Cerqueira *et al.*, 2023). No Brasil, a região Nordeste destaca-se pelas altas taxas de incidência e mortalidade, reflexo de desigualdades socioeconômicas e limitações no acesso a serviços de saúde (Silva *et al.*, 2020).

A análise do perfil de mortalidade por câncer do colo do útero na região Nordeste do Brasil é essencial para entender as dinâmicas epidemiológicas e identificar as populações mais vulneráveis. Analisar os dados de mortalidade ao longo da década permite uma compreensão mais profunda dos avanços e das lacunas existentes, possibilitando a formulação de estratégias que visem reduzir a mortalidade e melhorar os desfechos clínicos para as mulheres da região. Dessa forma, este estudo contribui para o desenvolvimento de ações de saúde pública mais equitativas e eficazes. Assim, objetivou-se analisar o perfil de mortalidade por câncer do colo do útero no Nordeste Brasileiro no período de 2010 a 2019.

2 MÉTODO

Estudo ecológico de séries temporais. As divisões espaciais de pesquisa foram os estados da região Nordeste do Brasil: Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Sergipe, Alagoas e Bahia. Este estudo foi realizado em fevereiro de 2023 no município de Fortaleza, Ceará, Brasil.

Os dados foram obtidos do Departamento de Tecnologia da Informação do Sistema Único de Saúde (DATASUS) através do TabNet. Os óbitos por CCU foram extraídos do Sistema de Informações sobre Mortalidade, considerando local de residência e unidade da federação, no período de 2010 a 2019. Os óbitos foram filtrados pela categoria CID-10 Neoplasia Maligna do Colo do Útero (C53). Além disso, foram coletados dados demográficos e socioeconômicos da população feminina residente, com base nas projeções populacionais das unidades da federação por sexo e grupos de idade, para o período de 2000 a 2030. Em todas as coletas, foram aplicados filtros para a Região Nordeste e idades entre 25 e 64 anos.

Realizou-se *download* dos dados disponibilizados online para o formato cvs. Os dados brutos foram organizados em planilha do Microsoft Office Excel®. Para cálculo da Taxa de Mortalidade

por câncer do colo do útero, utilizou-se a fórmula que considerou o número de óbitos por câncer do colo do útero dividido pela população feminina multiplicado por cem mil.

Posteriormente, os dados foram importados para o software estatístico JoinPoint®. Calculou-se variação percentual anual média (*Average Annual Percentage Change* – AAPC), com intervalo de confiança de 95% (IC95%), em que um valor negativo da AAPC indica tendência decrescente e um valor positivo, uma tendência crescente. Os resultados com $p < 0,05$ foram considerados significativos

Por se tratarem de dados de domínio público, não necessitou de submissão ao comitê de ética em pesquisa, conforme resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde.

3 RESULTADOS

Foram registrados 11.619 óbitos no Nordeste no período estudado. Maranhão foi o estado com maior coeficiente no período. A análise dos óbitos revelou aumento do CCU entre todas as faixas etárias. A etnia parda apresentou aumento significativo (AAPC: 4,9; IC95: 4,3; 5,6). Houve aumento dos óbitos entre as mulheres com maior quantidade de anos de estudo. Solteiras e divorciadas judicialmente também tiveram mais registros de óbitos por CCU (Tabela 1).

Tabela 1 – Tendência dos óbitos por câncer de colo do útero no Nordeste Brasileiro (2010-2019) segundo variáveis sociodemográficas. Fortaleza, Ceará, Brasil, 2024

Variáveis	AAPC ^d (IC95 %)	P valor	Tendência
Idade			
25 a 34 anos	2,5 (0,8; 4,3)	0,010	Crescente
35 a 44 anos	5,1 (3,5; 6,7)	0,001	Crescente
45 a 54 anos	2,2 (1,1; 3,4)	0,002	Crescente
55 a 64 anos	3,4 (2,3; 4,5)	0,001	Crescente
Raça/etnia			
Branca	0,8 (-1,7; 3,4)	0,480	Estacionária
Preta	1,4 (-2,3; 5,2)	0,427	Estacionária

Amarela	1,6 (-14,1; 20,2)	0,833	Estacionária
Parda	4,9 (4,3; 5,6)	0,001	Crescente
Indígena	-0,4 (-15,4; 17,2)	0,950	Estacionária
Escolaridade			
Nenhuma	-1,2 (-2,8; 0,4)	0,132	Estacionária
1 a 3 anos	2,6 (-0,3; 5,5)	0,071	Estacionária
4 a 7 anos	4,7 (2,4; 7,1)	0,002	Crescente
8 a 11 anos	9,8 (7,5; 12,1)	0,001	Crescente
12 anos e mais	13,1 (5,9; 20,8)	0,003	Crescente
Estado Civil			
Solteiro	4,6 (3,7; 5,4)	0,001	Crescente
Casado	0,1 (-0,8; 1,1)	0,730	Estacionário
Viúvo	-0,8 (-3,7; 2,2)	0,563	Estacionária
Separado judicialmente	6,5 (1,0; 12,3)	0,025	Crescente

Fonte: Elaborado pelos autores.

4 DISCUSSÃO

Nesse estudo, a mortalidade aumentou em todas as idades, sobretudo em mulheres na faixa etária de 35 a 44 anos. Isso pode estar relacionado com a transição epidemiológica, referindo-se às mudanças nos padrões de saúde e doença que ocorrem em uma população ao longo do tempo, o que pode influenciar nas práticas de cuidado com a saúde em diferentes faixas etárias (ACOG, 2016).

A mortalidade por CCU também aumentou entre mulheres pardas. Observa-se, todavia, que as desigualdades sociais e regionais na realização dos exames de rastreamento do CCU afetam principalmente mulheres de raça/cor da pele preta, com baixa escolaridade e residentes na região Nordeste do país (Schäfer *et al.*, 2021). Nesse estudo, acredita-se que a raça/cor não seja um fator associado, mas justifica-se pelo fato de mais da metade da população brasileira ter se autodeclarado de cor ou raça preta ou parda (Verzaro; Sardinha, 2020).

A mortalidade por CCU também aumentou em mulheres que possuem mais anos de estudo. De modo contrário a este achado, sabe-se que mulheres com maior nível educacional tendem a ter acesso à informação, a buscarem os serviços de saúde, a realizarem o autocuidado e periodicidade do exame Papanicolaou, ações fundamentais na detecção precoce do CCU e aspectos associados a melhores resultados de saúde e menor morbimortalidade (Paula *et al.*, 2019). Por outro lado, estas mulheres podem ter uma maior participação no mercado de trabalho e, conseqüentemente, enfrentar desafios relacionados à conciliação entre trabalho e cuidados com a saúde. A pressão por conciliar responsabilidades profissionais e pessoais pode levar a um adiamento ou negligência na busca de cuidados preventivos (Rocha *et al.*, 2020). No entanto, é importante ressaltar que a relação entre escolaridade, participação no mercado de trabalho e saúde é complexa.

Mulheres solteiras obtiveram aumento significativo na mortalidade por CCU. É possível que essas mulheres possuam mais parceiros sexuais e tenham maior risco de infectar-se com o Papiloma vírus humano (HPV), o que aumenta o risco de desenvolver CCU. A maioria das pessoas sexualmente ativas será exposta a ele em algum momento de suas vidas. No entanto, vale ressaltar que o risco de desenvolver CCU não é determinado apenas pelo número de parceiros sexuais, mas também pela presença de outros fatores, como o tipo de HPV, a persistência da infecção e a resposta imunológica (Hosseini *et al.*, 2023).

Diante dos achados, para combater as desigualdades em saúde sexual, é fundamental promover políticas e ações que abordem as causas subjacentes dessas disparidades, incluindo o acesso equitativo a serviços de saúde, educação, emprego digno, segurança alimentar e condições de vida adequadas. Ações para melhorar a saúde devem ser focadas na promoção da igualdade e no fortalecimento do sistema de saúde, considerando as necessidades específicas de cada grupo populacional, abordando as desigualdades sociais, econômicas e de gênero que contribuem para as iniquidades em saúde. Isso inclui políticas que promovam a igualdade de gênero, redução da pobreza, acesso à educação, emprego digno e melhoria das condições de vida (Paula *et al.*, 2019).

5 CONCLUSÃO

A análise dos óbitos revelou um aumento do câncer do colo do útero em todas as faixas etárias. Houve um aumento significativo entre mulheres de etnia parda, bem como entre aquelas com maior nível de escolaridade. Mulheres solteiras e divorciadas judicialmente também apresentaram mais

registros de óbitos. Esses achados destacam a necessidade de reforçar políticas de prevenção e controle do CCU, focando em grupos vulneráveis e promovendo campanhas educativas e de rastreamento eficazes para reduzir a mortalidade por essa doença no nordeste brasileiro.

REFERÊNCIAS

ACOG. Practice Bulletin No. 168: Cervical Cancer Screening and Prevention. **Obstetrics and Gynecology**, vol. 128, n.º 4, p. e111–e130, 2016.

CERQUEIRA, R. S.; DOS SANTOS, H. L. P. C.; PRADO, N. M. B. L.; BITTENCOURT, R. G.; BISCARDE, D. G. S.; SANTOS, A. M. Controle do câncer do colo do útero na atenção primária à saúde em países sul-americanos: revisão sistemática. **Revista Panamericana de Salud Pública**, vol. 46, p. e107, 2023.

HOSSEINI, Z.; SEYRAFI, N.; HOMAYUNI, A.; MOUSELI, A.; HOMAYUNI, A. Predicting cervical cancer screening behavior among women in southern Iran: a cross-sectional study with PEN-3 model. **BMC Women's Health**, vol. 23, n.º 1, p. 260, 2023.

PAULA, T. C.; FERREIRA, M. L. S. M.; MARIN, M. J. S.; MENEGUIN, S.; FERREIRA, A. S. S. B. S. Detecção precoce e prevenção do câncer de colo uterino: saberes e práticas educativas. **Enfermagem em Foco**, vol. 10, n.º 2, 2019.

ROCHA, M. D. H. A.; MORAIS, J. B.; CAVALCANTE, P. A. M.; ROCHA, P. F. A.; SAITER, R. Prevenção do câncer de colo de útero na consulta de enfermagem: para além do papanicolaou. **REVISTA CEREUS**, vol. 12, n.º 1, p. 50–63, 2020.

SCHÄFER, A. A.; SANTOS, L. P.; MIRANDA, V. I. A.; TOMASI, C. D.; SORATTO, J.; QUADRA, M. R.; MELLER, F. O. Regional and social inequalities in mammography and Papanicolaou tests in Brazilian state capitals in 2019: a cross-sectional study. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, vol. 30, 2021.

SILVA, K. S. B. ; LEITE, A. F. B.; SILVA, D. M. C.; TANAKA, O. Y.; LOUVISON, M. C. P.; BEZERRA, A. F. B. Prevenção do câncer do colo do útero: avanços para quem? Um retrato da iniquidade em estado da Região Nordeste. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, vol. 20, p. 633–641, 2020.

VERZARO, P. M.; SARDINHA, H. L.. Caracterização sociodemográfica e clínica de idosas com câncer do colo do útero. **Revista de Salud Pública**, vol. 20, p. 718–724, 2020.